

## GOIÁS COLONIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA - UMA CARTOGRAFIA “LUSO INDÍGENA”

Eunice de Oliveira Rios 1,  
Reidner Matheus Fernandes 2,  
Gabriela Rodrigues Sousa3.

1 mestrado em Cartografia Sistemática, Cartografia Temática e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

2 Graduando do curso de Geografia do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

3 Graduanda do curso de Geografia do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

**Resumo:** Desde a “descoberta” do Brasil, os portugueses demonstraram interesse em buscar riquezas minerais. Na trilha do ouro (SP, MG, MT) chegou-se às “Minas dos Goyases” (1725). O interior desconhecido era habitado por populações nativas, cuja experiência secular permitiu o acúmulo de conhecimentos necessários à sobrevivência. Hábeis caminhantes percorriam longas distâncias, sinalizando a jornada, traçando o itinerário na areia, compondo a “geografia ou descrição natural” da sua viagem. A cultura indígena foi assimilada pelos bandeirantes, sertanistas, engenheiros militares, missionários e aventureiros, originando a cartografia do sertão cujas representações apresentavam elementos singulares: “primitivismo” ou “arcadismo indígena em que o traçado esquemático era definido pela rede hidrográfica”... (CORTESÃO, 2006:233). Com as descobertas auríferas e diamantinas a Coroa portuguesa buscou conhecer e controlar suas possessões americanas, para tanto fez uso da cartografia sertanista (mescla de elementos da cultura ameríndia com os da lusitana). Roteiros e mapas foram produzidos, marcando caminhos e rotas das minas, o sertão foi “ordenado, mediado, delimitado e fixado”. Fundamentados no corpo teórico da História da Cartografia, da Semiologia Gráfica e da Geografia busca-se identificar o território goiano em documentos cartográficos do século XVII ou XVIII e suas principais características.

**Palavras-chave:** América Portuguesa, Goiás Colonial, cartografia indígena, cartografia sertanista.

### GOIÁS – Geografia e História de um Território:

O estado de Goiás localiza-se na região Centro Oeste do Brasil, no planalto central brasileiro, com altitudes entre 200 a 1.200 m, predomínio da vegetação do cerrado, clima tropical semiúmido e rica rede hidrográfica.

O relevo e a hidrografia são elementos naturais que marcam o espaço goiano. A serra dos Pirineus (paralelo 15° 51'), com mais de 1.300 metros de altitude, se constituía num referencial geográfico para as antigas expedições nos sertões goianos. Próximo a ela passava a linha de Tordesilhas. A referida serra é o ponto de origem das três ramificações do relevo goiano-tocantinense, a saber: o norte-oriental, o norte-ocidental e o sudoeste. “Levando-se em conta a estrutura geológica, a forma e a disposição do relevo, observa-se que a rede hidrográfica distribui-se em vales com feições diferenciadas”. Essa feição natural considerada um “capricho da natureza” resultou numa “peculiar distribuição geográfica das minas de Goiás”, estas se adentraram pelas redes hidrográficas do Tocantins, Araguaia e Paraná<sup>1</sup>.

A topografia plano-ondulada, predominante em Goiás, favoreceu o acesso à região, uma vez que “sem grandes obstáculos naturais, o território goiano oferecia-se aberto à penetração”. Desta forma, desde os primórdios do povoamento do Centro-Oeste os rios foram utilizados como vias de transporte.

Considerando-se o “profundo conhecimento da rede hidrográfica”, já em 1613 e os “indícios que permitem conjecturar que nessa época”, período anterior à Bandeira de Anhanguera (1722), “o caminho de Goiás era tão conhecido, que pequenos grupos anônimos - sem as formalidades de uma bandeira - o transitavam normalmente”. Provavelmente os rios, Grande e Paranaíba, tenham sido navegados, assim como seus afluentes, já que havia uma preocupação, por parte do governo da Metrópole e da Capitania de São Paulo, de se encontrar uma rota, por terra, até Cuiabá.

Além de “caminho”, os rios goianos também se constituíram num fator de atração para a mineração.

BUENO fundou o primeiro arraial goiano, o de Sant’Anna, “... muito próximo das nascentes do rio Vermelho...”, deslocada e sem ventilação, no entanto, havia ouro e água, era o que bastava. O mesmo critério passou a ser utilizado para a instalação dos outros arraiais. “Em torno de Sant’Anna, pelas margens dos córregos e dos rios com ouro de aluvião, multiplicam-se rapidamente, os centros de garimpos...”.

O território goiano, antes da penetração dos “brancos”, era habitado por numerosos povos indígenas, “com predomínio dos pertencentes ao tronco linguístico Jê”, destacavam-se

---

<sup>1</sup> MARTINS, 1984, p.198-199.

os *Kayapó* do Sul, os *Akwen* (Kraô, Xakriabá, Xavante, Xerente e Karajá); além dos *Avá-Canoeiro* do tronco Tupi-Guarani<sup>2</sup>.

O contato com os “brancos” se deu de forma conflitante, provocando a extinção de alguns grupos, a redução de outros e aliança com alguns.

Água, ouro, montanhas, fogo, matas, aventuras, conflitos entre índios, reinóis, bandeirantes e negros, vida e morte, riqueza e pobreza, são elementos que se entrelaçaram numa “nímia”<sup>3</sup> dinâmica social, gerando transformações sócio ambientais e culturais no território goiano, ao longo dos tempos<sup>4</sup>.

### **Referencial Teórico - A Cartografia “Luso Indígena” - o encontro de culturas:**

A ocupação portuguesa, no Brasil, se deu primeiramente ao longo do litoral.

O interior, desconhecido, era denominado sertão, “lugar inculto, deserto, despovoado ou temerário”<sup>5</sup>.

O sertão era habitado por populações nativas, cuja ocupação secular permitiu o acúmulo de experiências e conhecimentos essenciais para a sobrevivência de seus ocupantes.

Observar, conhecer, registrar e representar dados constituía ações da geografia e da cartografia indígenas – “um acervo de informações espaciais, construído pela memória e enraizado, principalmente, nos sentidos”<sup>6</sup>.

Da riqueza cultural ameríndia, Cortesão destacou “os conhecimentos topográficos, a capacidade de representar o espaço percorrido, e como consequência, a cultura geográfica inerente a essas faculdades excepcionais”.

Ao referir-se aos homens primitivos, o pesquisador supracitado, assinalou ainda, “duas faculdades máximas”: a “visão telescópica” e a “extraordinária memória visual”. Através da “visão telescópica” o nativo percebia ao “longe vultos ou acidentes, que escapam totalmente à vista, ainda mais aguda, do homem civilizado”. Assim essa visão privilegiada do ameríndio, acrescida da memória visual, permitiu que este desenvolvesse o “sentido topográfico e a

---

<sup>2</sup> LARAIA, 2006, p. 11-12.

<sup>3</sup> Nímia: vocábulo usado no século XVIII, cujo significado é extremada, especial, extraordinária (BERTRAN, 1996 p. 1).

<sup>4</sup> RIOS, 1999, p.7.

<sup>5</sup> DELVAUX, p. 76.

<sup>6</sup> KOK, 2009, p. 92.

possibilidade de reproduzir graficamente os caracteres do meio geográfico em que vivem ou que percorrem”<sup>7</sup>.

Os nativos brasileiros eram também, “destros na observação do sol, dos astros e dos rastros”, apresentavam ainda, um sentido de orientação “depurado, além de serem dotados de uma aguda capacidade de percepção da geografia, da topografia e da natureza da América portuguesa”<sup>8</sup>.

A dinâmica espacial dos “naturais da terra” americana se consolidava através das veredas (apé) que interligavam aldeias e permitiam o acesso aos locais de pesca e de caça. Hábeis caminhantes, eles percorriam longas distâncias, deixando marcas nos troncos de árvores ou quebrando e dependurando galhos de arbustos, sinalizando desta forma a sua jornada<sup>9</sup>, posteriormente traçava o itinerário na areia, utilizando a ponta do dedo, compondo a “geografia ou descrição natural” da sua viagem<sup>10</sup>.

Do contato intenso da sociedade “branca” (portugueses e paulistas, principalmente), através de ações para apresamento, relações de parentesco e missões oficiais ou religiosas, a cultura geográfica e cartográfica indígena foi, paulatinamente, assimilada pelos bandeirantes, sertanistas, engenheiros militares, missionários e aventureiros. A prática de sinalizar e marcar pontos de orientação, foi incorporada pelos sertanistas, através de pedras inscritas, de gravações em árvores, de toscas cruces, ranchos queimados e até sepulturas, essas ações demonstraram um tremendo esforço em ampliar os conhecimentos sobre o “ambiente hostil do sertão”<sup>11</sup>.

Do exposto observa-se o “nascimento” da cartografia do sertão, cujos pais eram os bandeirantes propriamente ditos, isto é, sertanistas de São Paulo, moldados pelo gênero e o estilo de vida do bandeirismo, e simples sertanistas de ocasião, luso-brasileiros doutras capitânicas, reinóis de há muito residentes no Brasil, ou até servidores oficiais, civis ou militares, a quem o discorrer, em funções do Estado, por extensos

---

<sup>7</sup> CORTESÃO, 2006, p. 49.

<sup>8</sup> KOK, 2009, p. 92-93.

<sup>9</sup> Op. cit, p. 94.

<sup>10</sup> CORTESÃO, 2006, p. 53.

<sup>11</sup> KOK, 2009, p. 94-95.

territórios, prestasse uma consciência aguda do espaço e a possibilidade de o representar<sup>12</sup>.

As representações cartográficas eram marcadas por elementos singulares como:

- a) o “primitivismo” ou o “arcadismo indígena em que o traçado esquemático era definido pela rede hidrográfica”, ou melhor, “pelos sulcos que o tempo cavou no território e cujo conhecimento, por necessidade vital, maior atenção mereceu do aborígene”;
- b) os “traços vigorosos e rápidos”, a rudeza, a segurança e o “poder de síntese”, configurando uma arte “simples, rude e vigorosa de exprimir os factos geográficos, na sua essencialidade utilitária”<sup>13</sup>;
- c) a ausência de limites ou de fronteiras representava-se o percebido *in loco*, ou seja, o que era visualizado era então, colocado no mapa<sup>14</sup>.

Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII a cartografia indígena foi utilizada segundo interesses diversos e complexos, mas todos convergiam, ao final, para a expansão, conquista e ocupação do sertão da América portuguesa.

Com as descobertas auríferas e diamantinas a Coroa portuguesa buscou conhecer e controlar suas imensas possessões americanas, originando uma nova cartografia, a partir da indígena – a cartografia nativa, sertanista – que mesclava elementos da cultura ameríndia aos da cultura lusitana. Roteiros e mapas foram produzidos, marcados por caminhos e rotas das minas, visavam os interesses da Coroa portuguesa, desta forma o “sertão foi gradativamente ordenado, mediado, delimitado e fixado”.

Os novos documentos cartográficos apresentavam signos indígenas e da colonização; os primeiros representavam os “caminhos, rios, montanhas, serras, lagos, florestas e aldeias indígenas”; os segundos simbolizavam as “fazendas, arraiais, vilas, fortes, prisões, minas de ouro, registros de quilombos e de aldeias indígenas”, sendo elas aliadas, ou mesmo, hostis<sup>15</sup>.

Cortesão identificou um conjunto de exemplares de mapas do sertão, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para ele os referidos mapas foram “seguramente traçados por

---

<sup>12</sup> CORTESÃO, 2006, II, p. 231.

<sup>13</sup> CORTESÃO, 2006, II, p. 231-233.

<sup>14</sup> COVENAGHI, 2011, p. 84.

<sup>15</sup> KOK, 2009, p. 106-107.

sertanistas” num “período imediatamente anterior à chegada”, ao Rio de Janeiro, dos “padres matemáticos”. Da análise desses mapas, o renomado investigador destacou características importantes como os “traçados à pena e à lápis, sobre folhas de papel de grosseiro fabrico”, classificou-os em grupos, conforme o “estilo do traçado, quase sempre por demais sumários”, a referência era aos “territórios recentemente descobertos ou economicamente valorizados”, sendo que alguns, mesmo sem o nome de autor, “foram datados entre 1721 e 1724”<sup>16</sup>.

## Metodologia

O século XVI, mais precisamente o ano de 1591, marca o início da conquista e ocupação dos sertões da América portuguesa. O objetivo maior era encontrar minas de ouro e de pedras preciosas. A produção cartográfica desse período é reduzida, apesar dos esforços empreendidos nesse processo de conquista e ocupação dos territórios, até então, praticamente desconhecidos.

No início do século XVII, devido a motivos de segurança, o processo de adentramento ao sertão foi suspenso. Em meados do referido século, a descoberta de ouro, na região de Paranaguá, reativou a marcha para o interior da América portuguesa, de forma que no final desse século o interior do Brasil já era conhecido, embora carecendo de povoamento.

O século XVIII foi marcado pelo avanço da linha de Tordesilhas e a ocupação das Geraes – Mato Grosso e Goiás, pelas descobertas, significativas, das minas de ouro.

No período referente ao século XVI até o primeiro quartel do século XVIII, a cartografia era reduzida, caracterizava-se um período de pobreza quanto ao material cartográfico como geográfico, devido:

- a) a transmissão oral dos conhecimentos geográficos e cartográficos,
- b) ao segredo de Estado, cujo objetivo era manter sigilo sobre as novas descobertas de ouro e de pedras,
- c) a carência de especialistas na produção desses documentos;
- d) a destruição de alguns documentos, por ordens régias e,
- e) a perda de outros por descuido.

Ainda no século XVII, mais precisamente em 1730, a cartografia vivenciou um período de “rigor científico”, deixando de “ser obra de especialistas em cartas náuticas” ou de

---

<sup>16</sup> CORTESÃO, 2005, II, p. 232.

sertanistas<sup>17</sup>, que marcaram a cartografia nativa, em que se fundiam signos indígenas aos signos lusitanos.

Registros históricos informam que o território do futuro Goiás, já era palmilhado, ao longo do século XVII, mas somente em 1725, Goiás passou a ser conhecido como as “minas dos Goyazes”, integrando a Capitania de São Paulo e em 1734 criou-se a Capitania de Goiás.

A metodologia para o desenvolvimento da pesquisa que culminou no presente artigo, perpassou por etapas, a saber:

- pesquisa bibliográfica sobre a temática história da cartografia luso brasileira;
- levantamento de fontes cartográficas, com ênfase na cartografia colonial, investigando mapas que registrassem informações sobre a região das “Minas dos Goyazes”;
- análise da simbologia utilizada dos referidos documentos cartográficos, verificando-se a ocorrência de signos indígenas e dos colonizadores;
- compreensão histórica geográfica da constituição do território goiano – tempo, espaço e sociedades envolvidas no processo de ocupação;
- reconhecimento de fontes cartográficas preservadas em órgãos oficiais que permitem o levantamento de diversos dados importantes para a elaboração da Cartografia Colonial de Goiás.

Os mapas analisados foram os seguintes:

- 17-- - Mappa dos sertões que se comprehendem de mar a mar entre as capitanias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-Grosso e Pará;
- 17-- - Parte do governo de S. Paullo [e] parte dos dominios da Coroa de Castella;
- Mappa da Capitania de Goyazes;
- Mappa da Capitania de S. Paulo e seu sertão;
- Mappa geral da Capitania de Goyaz;
- 1749 - Mapa das Cortes;
- 1750-1774 - Carta topográfica da Capitania de São Paulo.

Da análise dos mesmos concluiu-se que se pode:

---

<sup>17</sup> COSTA, 2007:115-117.

- a) perceber dados relevantes, que levaram à caracterização do futuro território goianos;
- b) reconhecer algumas nações indígenas;
- c) identificar símbolos que denotam traços culturais indígenas e/ou sertanistas;
- d) considerar tais documentos cartográficos como registros de uma cartografia histórica de Goiás;
- e) perceber registros sobre conhecimentos geográficos representados nessa cartografia “primitiva”;
- f) considerar os referidos “mapas sertanistas” como fonte de dados cartográficos/geográficos sobre Goiás em suas origens, podendo-se aprofundar estudos sobre a temática, visando a estruturação da história da Cartografia Colonial goiana, a partir de documentos relacionados à ocupação pretérita do espaço goiano, pelos indígenas assim como pelos colonizadores.

## **Resultados e Discussões**

Dos estudos realizados chegou-se aos resultados como: reconhecimento do território goiano em documentos cartográficos do século XVII e/ou XVIII; identificação das nações indígenas neles registrados; análise da simbologia aplicada visando o reconhecimento de traços culturais indígenas e/ou sertanistas; origem histórico-geográfica da cartografia goiana; conhecimentos geográficos representados na cartografia “primitiva” e a constituição de um banco de dados cartográficos e geográficos sobre Goiás em seus primórdios, que podem levar à estruturação da história da Cartografia Colonial goiana, a partir de documentos relacionados à ocupação pretérita de Goiás, pelas nações indígenas e pelos colonizadores europeus.

## **Conclusão**

Dos estudos efetuados conclui-se que a descoberta de riquezas minerais no sertão brasileiro acelerou sua ocupação e domínio no período colonial. Para tanto foram elaborados mapas cujos traços demonstravam a junção de culturas: nativa/lusitana, indígena/sertanista.

Goiás foi alcançado pela leva de pessoas, de várias categorias, interessadas em suas riquezas minerais. Caminhos foram abertos e traçados sobre os novos espaços ocupados. A



população nativa contribuiu com os seus conhecimentos seculares que somados aos conhecimentos dos imigrantes originou uma nova representação espacial – a cartografia da terra, nativa, neste trabalho, denominada “luso indígena”, por apresentar características da cartografia primitiva do aborígine e da cartografia do português e seus descendentes.

Consideramos que a “arte cartográfica nativa” caracterizada por Cortesão, alcançou as terras goianas, comprovando o encontro da cultura portuguesa com a aborígine, num hibridismo de sangue e de cultura espacial, desde as origens das “terras dos Goyazes” que deu origem ao atual estado de Goiás.

As leituras específicas e as análises de mapas, alguns classificados como “sertanistas”, pertencentes à Fundação Biblioteca Nacionais (FBN), Rio de Janeiro (RJ) contribuíram para a constatação de que é perfeitamente possível transformar os resultados levantados, em artigos científicos, assim como o material levantado permite também a elaboração de outros projetos de pesquisa, tais como nações indígenas, posição geográfica das minas, constituição cartográfica do território goiano, expansão urbana, fazendas goianas, dentre outras temáticas.

## Referências

ALENCASTRE, J. M. P. **Anais da Província de Goiás**. Brasília: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.

BERTRAN, Paulo (org.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783**. Goiânia: UCG/UFG, Brasília, Solo Editores, 1996.

COSTA, Antônio Gilberto. **Roteiro Prático de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império**. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 2007.

CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos Velhos Mapas**. Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos Velhos Mapas**. Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

DELVAUX, Marcelo Motta. **Cartografia Imaginária do Sertão**. Disponível em [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2010D11.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2010D11.pdf) - Acesso em 16.03.2012.

GARCIA, João Carlos (coord.). **A Nova Lusitânica – imagens cartográficas do Brasil nas coleções da Biblioteca Nacional (1700-1822)**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

GOMES, Horieste e TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia: Goiás-Tocantins**. Goiânia: CEGRAF, 1993.

LARAIA, Roque de Barros. Introdução. In: **Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural**. Goiânia, Ed. UCG/Ed. Vieira/E. Kelps, 2006, p. 11-15.

KOK, Glória. **Vestígios Indígenas na Cartografia do Sertão da América Portuguesa**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v17n2/07.pdf> - Acesso em 02.02.2012.

MACHADO, Iram Ferreira. **Recursos Minerais – Política e Sociedade**. São Paulo: Edgard Blücher, 1989.

MAGALHÃES, Joaquim Romero et al (Coordenação). **Lugares e Regiões em Mapas Antigos**. Biblioteca Pública de Évora, Lisboa, 1997.

MARTINS, Ana Luiza. Breve História dos Garimpos. In: **Em Busca do Ouro**. São Paulo: CONAGE, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984, p. 177-222.

PALACIN, Luís. **O Século do Ouro em Goiás**. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

RIOS, Eunice de Oliveira. **Ciências Naturais e Mineração – uma história de conquistas e metamorfoses ambientais**. Campinas (SP), Unicamp, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997.